

A + B (12 set. 1886)*

A. – Você já viu nada¹ mais curioso que este tempo?

B. – Que tempo?

A. – O tempo, – o tempo² escuro, o tempo claro, ventoso, chuvoso, caloroso...

B. – É o seu ofício. Mais esquisito me parece o general Santos,³ que ora agoniza, ora despacha; há poucas horas estava com um pé na sepultura; há meia hora retificou⁴ um decreto.

A. – Pois tudo isso é do tempo. Também há poucos dias estavam uns oitocentos contos muito caladinhos, na tesouraria de fazenda de Pernambuco;⁵ vai senão quando pegam

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886), DRR (p. 21-24) e OCA2008 (v. 4, p. 659-660). Texto-base: GN. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ nada: entenda-se “alguma coisa”. (HOUAISS, 2001, p. 1991, verbete: *nada*.) Cândido Jucá (filho), no seu *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*, afirma que “nada”, “às vezes significa ‘algo’, em perguntas” (JUCÁ (filho), 1968, verbete *nada*).

² O tempo, – o tempo] O tempo, o tempo – em OCA2008.

³ O general Máximo Santos, presidente do Uruguai de 1882 a 1886, frequentava os jornais nas semanas anteriores à publicação desta crônica, por ter sido vítima de um atentado. O vaivém de seu estado de saúde pode ser acompanhado no noticiário e nos telegramas (de Montevidéu e de Buenos Aires) publicados na *Gazeta de Notícias* nos dias 19, 20, 25, 26, 29, 30, 31 de agosto e no dia 5 de setembro. Notícia do dia 8 de setembro, intitulada “Estado Oriental” diz o seguinte: “Segundo afirma a *Nación*, de Montevidéu, órgão do governo, o estado de saúde do general Santos é cada vez melhor, podendo já o general receber os seus ministros, deputados e representantes dos governos estrangeiros. / A *Itália*, porém, e outros jornais continuam a afirmar que o governo está acéfalo, pois que o general está impossibilitado de governar, sendo necessário que a câmara trate de lhe nomear sucessor interino. / As notícias sobre o estado de saúde do general continuam, pois, a ser contraditórias.” Por fim, em 12 de setembro (data em que esta crônica foi publicada), a *Gazeta de Notícias* trazia o seguinte telegrama de Montevidéu (11 de setembro): “O general Máximo Santos, presidente da república, deu hoje um passeio de carro nas ruas da cidade.”

⁴ retificou] ratificou – em DRR e em OCA2008.

⁵ tesouraria de fazenda de Pernambuco] tesouraria da fazenda de Pernambuco – em DRR; tesouraria da Fazenda de Pernambuco – em OCA2008. Esse é outro assunto que estava nos jornais naquela semana: a própria *Gazeta de Notícias*, no dia 10 daquele mês, na seção de “Telegramas”, sob o título de “Roubo na tesouraria”, trazia: “Pernambuco, 9 de setembro. / Encontraram-se vazios, esta manhã, os cofres da tesouraria de fazenda provincial. / A polícia foi chamada imediatamente e procede a exame, a fim de

em si e abandonam a caixa, sem deixar a menor notícia do destino; – um bilhete que fosse, –⁶ um bilhete de quinhentos réis, que podia ficar muito quieto e explicar-se com a polícia. “Os meus colegas, diria esse gracioso infante, saíram daqui⁷ com intenção de evitar, embora por caminhos mais longos e tortuosos, a estrada do imposto⁸ por exemplo, que é comprida como todos os diabos. Não voltarão todos juntos, nem no mesmo ano; mas, se é verdade que Roma não se fez num dia, também é certo que não se desfez num ano. Foi o que eles me disseram.”

B. – Não creia que eles fizessem isso; bilhete pernambucano não imitaria assim o caso do consulado português,⁹ onde uma libra disse a mesma cousa aos poderes públicos, quando desapareceu dali uma quantia grossa...

A. – Era esterlina?

B. – Esterlina.

A. – Ah! as libras esterlinas são muito sinceras. Eu creio mais em uma libra esterlina, quando é mesmo esterlina, do que em cinco mil-réis;¹⁰ mas no caso presente era apenas dar um recado...

B. – Isso, mas era imitar; e você sabe... a guerra dos mascates...¹¹ Veja, por exemplo, o caso do English Bank; aí não houve a menor hesitação, justamente por não ser o bilhete pernambucano, mas a nossa boa libra amiga...¹²

descobrir os meios de que se serviram os ladrões para a realização do atentado.” O valor exato roubado foi noticiado de maneiras diversas, em diferentes notícias, e havia, também a informação de que algumas cédulas foram deixadas para trás pelo ladrão. Machado de Assis, portanto, parece ter “ficcionalizado”, para sua conveniência, não apenas o apólogo das cédulas, mas a própria notícia.

⁶ – um bilhete que fosse, –] um bilhete que fosse, (sem os travessões) – em OCA2008.

⁷ “Os meus colegas, diria esse gracioso infante, saíram daqui] “Os meus colegas”, diria esse gracioso infante, “saíram daqui – em OCA2008.

⁸ imposto] imposto, – em DRR e em OCA2008.

⁹ O roubo no consulado português parece ter acontecido nos primeiros meses de 1885, ou mesmo em 1884. A imprensa foi relativamente discreta diante do caso, por se tratar de crime ocorrido em território estrangeiro, em que as pessoas tinham imunidade diplomática. A *Gazeta de Notícias* tratou do acontecimento em 13 de agosto de 1885, afirmando que o caso ocorrera meses antes e que só o discutia naquela data porque “o 2º promotor público julgou que estava no seu direito, dando queixa-crime contra o Sr. cônsul-geral de Portugal (...).” Com isso, o acontecimento passava de estrangeiro a nacional.

¹⁰ Na cotação (corrente) da época (1886), 1 (uma) libra esterlina equivalia a, aproximadamente, 12,89 mil-réis. (Cf. MOURA FILHO, 2010, p. 34) Disponível em: <<https://bit.ly/3ibpmZa>>.

¹¹ A expressão (“guerra dos mascates”) é metáfora do sistema de cotação das moedas nos mercados internacionais; a associação se justifica, porque o roubo na tesouraria, como a Guerra dos Mascates, ocorreu em Pernambuco. A lembrança da Guerra dos Mascates (1710-1711), nesta passagem, parece, também, associada à vitória, naquele evento histórico, do poder financeiro (os mascates, ricos comerciantes portugueses residentes em Recife) sobre o setor produtivo (elite rural pernambucana, residente em Olinda).

¹² O desfalque no English Bank ocorrera em 27 de fevereiro daquele ano. No *Diário de Notícias* de 28 de fevereiro de 1886 (p. 1) lê-se: “Ontem foi o comércio desagradavelmente surpreendido com a notícia de

A. – Ficou alguma?

B. – Tudo estava acabado, morto, esquecido, creio que já lançado a lucros e perdas, quando reapareceu uma pessoa e disse: “Vamos ver como se passou este negócio.”¹³

A. – Parece-lhe então que voltarão todas?

B. – Não digo¹⁴ tanto; algumas até já terão voltado, em depósitos, letras, cambiais e... A pessoa que voltou quer saber como a descoberta se passou e, se é verdade que o Banco *n'avait oublié qu'un point...*

A. – *C'était d'allumer sa lanterne?*¹⁵

B. – Acertou. É incrível como você ainda não esqueceu esses e outros adminículos¹⁶ do fabulista...

A. – Ah! meu amigo, as fábulas são ainda agora as cousas mais verdadeiras desse mundo e do outro; o próprio Deus algumas vezes falou por parábolas. Com que então, o Banco esqueceu o principal do negócio?

B. – Justamente; e é por aí que vai a gata aos filhos.

A. – Cá está outro petisco. Parece que se descobriu que o testamento de Custódio Bíblia...¹⁷

que se havia descoberto na caixa do English Bank um grande desfalque, atribuído ao pagador, Inácio Marques de Gouveia [...]. / Sendo necessário abrir-se o cofre do pagador, e não aparecendo nem este nem as chaves, arrombou-se o cofre, mas sem haver ainda suspeitas do extravio. Só quando se começou a contar o dinheiro se verificou que os maços de notas, que deviam ser de 1.000\$, eram fingidos com uma nota de 100\$ cobrindo uma porção de notas de 500 rs e 1\$ formando volume capaz de iludir numa conferência como em geral se faz, sem desmanchar os maços de notas.” A “hesitação” a que se refere o cronista parece estar relacionada ao fato de o desfalque na tesouraria de Pernambuco ter sido tomado, inicialmente, por roubo – dúvida que não houve no caso do English Bank. Ver o início da crônica seguinte a esta, “A + B (16 set. 1886)”, assim como sua nota n. 1.

¹³ Não conseguimos apurar como foi feita a investigação interna no English Bank.

¹⁴ digo] diga – em DRR e em OCA2008.

¹⁵ Citação dos dois versos finais da fábula “Le singe qui montre la lanterne magique”, de Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794), que transcrevemos e traduzimos a seguir: *Il n'avait oublié qu'un point: / C'était d'éclairer sa lanterne* (VII, v. 43-44): “Ele não tinha se esquecido senão de um ponto: / acender sua lanterna”. Não há correspondência textual exata entre a citação machadiana e os versos transcritos nesta nota pelo editor; Machado pode ter citado o trecho de memória, ou ter-se utilizado de uma fonte textual que apresentasse lição divergente da que localizamos. A fábula – em que um macaco realizou uma grande apresentação aos bichos, mas se esqueceu de acender a lanterna para iluminar as demonstrações – representa aqueles que têm algo importante a dizer, mas não são compreendidos em razão de sua falta de clareza. (Cf. FLORIAN, 1874, p. 42)

¹⁶ adminículos] advinículos – em GN.

¹⁷ Custódio Bíblia foi como ficou conhecido o português Custódio José Gomes, que, segundo Raimundo Magalhães Júnior, em nota a *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (ASSIS, 1956, p. 23), morrera em estado senil. Segundo o estudioso, houve demanda judicial envolvendo seu testamento, por suspeita de falsificação. Essa informação é facilmente comprovável por consulta a jornais da época. Machado de Assis abordou esse assunto em outras crônicas, como, por exemplo, a da “Gazeta de Holanda” de 7 de março de 1887, e as de “Bons Dias”, de 19 de julho de 1888 (*Gazeta de Notícias*, p. 2) e de 30 de março de 1889 (*Gazeta de Notícias*, p. 1). (Cf. ASSIS, 2008, p. 707-708) Raimundo Magalhães Júnior abordou o assunto também em sua obra *Machado de Assis desconhecido* (1957, p. 361-381).

B. – Quem?

A. – Custódio Bíblia. Conheceu-o?

B. – Não. Conheci há muitos anos um padre protestante, que aqui andava pregando e a quem o *Apóstolo*¹⁸ chamava por desprezo *O Bíblia*, assim como se dissesse: – *o pinta-monos*.¹⁹

A. – Pois não é esse; é um Custódio José Gomes, que tinha aquela alcunha, morreu há tempos, deixando um testamento. Diz-se agora que o testamento é falso, e acrescenta um jornal que pessoas de conceito estão envolvidas no negócio.

B. – Diabo.

A. – Diga-me cá. Juntando todas essas cousas a outras cousas, não lhe parece que aqui há cousa?

B. – Há cousa e pessoas; mas, estando as pessoas no plural e a cousa no singular, chega-se à necessidade de uma divisão equitativa da cousa, porque em suma, é preciso brilhar, gozar...

A. – Mas um país riquíssimo?

B. – O Belisário²⁰ já provou que esta velha chapa não merece atenção de homem sério. Nem o país é riquíssimo, nem riqueza escondida vale grande cousa. Toda a questão é ir buscá-la. A mais rica pérola do mundo, escondida aos olhos do homem, vale menos que

¹⁸ Machado de Assis, nesta passagem, muito provavelmente, trocou um periódico católico, *O Apóstolo*, por outro, *Cruzeiro do Brasil*. Numa de suas crônicas da série “Ao acaso”, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 29 de novembro de 1864, ele já se referira a esse sujeito apelidado de Bíblia. Naquele tempo, os acontecimentos eram atuais, e, na mencionada crônica, a referência ao missionário protestante é relacionada a outro periódico católico, *Cruzeiro do Brasil* (Ver, por exemplo, *Cruzeiro do Brasil*, ano I, n. 9, p. 3, 27 nov. 1864 – que é o número citado por Machado na crônica mencionada). Nos jornais da época que consultamos, o missionário inglês é referido apenas como Dr. Kelly. Os periódicos *Cruzeiro do Brasil* e *O Apóstolo* eram ambos católicos, e muito semelhantes do ponto de vista da linha editorial. Explica-se, assim, a confusão dos periódicos – mais de vinte anos depois – na memória do cronista. O primeiro deles circulou nos anos de 1864 e 1865, o segundo começou a circular em 1866. A Hemeroteca Digital Brasileira possui, do *Cruzeiro do Brasil*, números de 1864 e 1865, e, de *O Apóstolo*, números de 1866 a 1901.

¹⁹ dissesse: – *o pinta-monos*.] dissesse: *o pinta-monos*. – em OCA2008.

²⁰ Não localizamos a passagem em que Belisário faz essas afirmações. Francisco Belisário Soares de Sousa (1839-1889) foi membro do Partido Conservador e ministro da Fazenda no gabinete presidido pelo barão de Cotegipe durante o período de 20 de agosto de 1885 a 10 de março de 1888. Era um personagem interessante e polêmico, como se vê da seguinte afirmativa sobre ele, feita por Ferreira de Araújo, na coluna “Cousas políticas” (*Gazeta de Notícias*, 6 set. 1886): “Conservador e fazendeiro, S. Ex. é escravocrata, em todo o mau sentido da palavra, mas, quando a sua razão fala sem peias, S. Ex. propõe que se suprimam os impostos de exportação sobre os nossos produtos, para que possamos vender muito, e que se lance um imposto sobre o senhor, por cabeça de escravo, para que o senhor tenha interesse em livrar-se desse condenado ao trabalho perpétuo.”

este níquel de duzentos réis. Finalmente, li há pouco, agora mesmo, uma velha verdade da ciência moderna. Você crê na luta pela vida?²¹

A. – Como não crer, se é a verdade pura?

B. – Bem: na luta pela vida tem de vencer o mais forte ou o mais hábil. Você é forte?

A. – Sou um banana.

B. – Pois seja hábil. *Make money*; é o conselho de Cássio. *Mete dinheiro no bolso*.²²

JOÃO DAS REGRAS.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (1956).

GN – *Gazeta de Notícias* (1886).

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar (2008).

Referências

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYMQYY>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. Le singe qui montre la lanterne magique. In: *Fables de Florian*. Limoges: E. Ardant, 1874.

²¹ É bom lembrar que, na época em que apareceram estas crônicas, Machado de Assis vinha publicando (começara em 15 de junho 1886) em folhetim, em *A Estação*, o romance *Quincas Borba*, em que a luta pela sobrevivência (“luta pela vida”) era ponto importante no sistema filosófico fictício, o Humanismo, desenvolvido pelo personagem que dá título ao romance.

²² Citação da passagem de *Otelo* (SHAKESPEARE, 1969, ato I, cena III) em que Iago sugere a Rodrigo “meter dinheiro no bolso”. Machado parece ter cometido algum equívoco; Cássio não está em cena.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Belo Horizonte, *Cadernos de História*, v. 11, n. 15, p. 9-34, 2º sem. 2010.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. 3. ed. rev. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>